

**O FRIO
AQUI FORA**

AMOSTRA

FLAVIO
CAFIERO

O FRIO AQUI FORA



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2023

(...)

Aconteceu. Calhou. Quando vi, já estava. Pronto: estou vivo. E, veja bem, não preciso provar que estou vivo. Há, obviamente, vida por aqui. Mas por que justamente eu, e assim? Esqueça a filosofia ou qualquer corrente de espiritualidade. Esqueça até mesmo toda forma de arte, não quero abrir campo para metáforas, pelo menos por enquanto. Não cairei na armadilha de listar as definições disponíveis, o verbete seria longo, e cada dia mais, mais extenso ainda que no dicionário. Ao menos intuitivamente você é capaz de saber o que é vida, e no sentido mais primitivo do termo. Mas e dizer? Sei que a ciência, para alguns, não passa de uma grande metáfora moderna, uma entre tantas maneiras de tentar explicar e organizar o mundo, mas preciso de um ponto de partida: sou um ser vivo e, ainda na linha das descrições biológicas básicas, um pluricelular. E o que isso quer dizer? Bem, isso quer dizer que meu corpo é formado por mais de uma célula. No meu caso, trilhões, ou bilhões, talvez milhões, prometo pesquisar melhor, mas não tenha dúvida de que sou detentor de uma vasta coleção de células, e células do tipo eucarionte, o que quer dizer que há um

núcleo definido dentro de cada uma delas. Também não vou explicar isso, mas acredite: parece importante. Sei que as definições já não soam tão simples, mas preciso seguir em frente: sou um animal. Dizer que sou um animal distancia meu aglomerado de células eucariontes dos aglomerados de células eucariontes que constituem outros seres, como um cogumelo ou um fícus. Animais são seres que se alimentam obrigatoriamente de outros seres vivos, como cogumelos, e, no meu caso, de outros animais, ainda que eu venha reduzindo, não sem esforço, a ingestão de carne. Algumas células desse meu vasto conjunto animal se organizam em tecidos chamados ossos que, por mais enrijecidos, montam estruturas como o crânio e a coluna vertebral, o que faz de mim um animal vertebrado, compreende? Posso dizer, assim, que não sou um mosquito, claramente, ou uma centopeia, que também são animais, mas sem apetrechos como colunas ou crânios. Sou um vertebrado, e do tipo mamífero: durante minha primeira infância, fui amamentado para sustentar e expandir meu conjunto de células e, a certa altura, ainda muito pequeno, minha progenitora precisou recorrer ao leite de outros mamíferos, como as vacas. Os pássaros não mamam, portanto não são mamíferos. Vacas são, como já disse, mamíferos, mas minha ordem é a dos primatas, o que me distancia bastante, em termos anatômicos, das vacas, e me leva para bem perto dos macacos. Mas não sou um macaco. Um macaco geralmente tem cauda, e não possuo uma. Sou um primata, e dos grandes. Pertencço a um grupo de animais que perdeu a cauda na linha evolutiva e, ao mesmo tempo, ganhou massa cerebral. Bem, aí começa a enrascada: é justamente desse acréscimo que uma ava-

lanche de questões se origina, algumas intransponíveis. Sou um primata de cérebro inflado, e da família dos homínídeos, o que me deixa parecido com um chimpanzé. Mas atenção: não sou um chimpanzé. A espécie a que pertencço é a dos *homo sapiens*, você sabe, sou humano, embora seja difícil determinar o que é ser um desses. A partir daqui os termos se tornam falhos, mesmo os científicos, e as definições, por mais técnicas, são imprecisas. Mas sou um ser humano, acredite, e meu gênero é o masculino, o que significa, resumidamente, que não sou capaz de gerar um filhote na barriga. Sou o que se pode chamar de um macho multirracial, e isso quer dizer que as características físicas de meus antepassados, constituídas por adaptação e isolamento ao longo dos séculos, como tipo de cabelo, formato do rosto e cor da pele, se diluíram em recentes cruzamentos. É como se o tempo e o espaço tivessem se encarregado de separar os homens em vários punhados bem diferentes uns dos outros e, agora, tivéssemos bagunçado tudo. Meus avós já eram assim, bagunçados. Não conheci meus avós paternos, mas os maternos sim, e afirmo que eram multirraciais, e isso basta para que eu também seja. Está ficando um pouco confuso, sei disso, o que veio para organizar acaba complicando tudo ainda mais e, até aqui, ainda fica difícil ser localizado no meio da população de seres vivos do planeta, mas você tem pistas. As pistas que você tem até agora: sou um eucarionte pluricelular, animal vertebrado, mamífero sem rabo, primata dos grandes, *homo sapiens* do sexo masculino, não vegetariano, alfabetizado e que domina, ainda que de forma limitada, a língua portuguesa, e com avós paternos que não conheceu, e com avós maternos multirraciais, e que tomou leite

de vaca quando criança, e que não tem todos os porquês à disposição, mesmo possuindo um cérebro enorme à disposição.

Houve um tempo em que nada disso era importante. Esqueça tudo isso. O mundo era assim: diferente. Ainda não existiam os homens e todas as classificações, e nem essa mania de se perceber vivo, o tempo todo vivo, e essa pá de dúvidas entulhando os dias. Imagine um mundo assim: sem homens. Acredito que, nesse mundo, também não existissem macacos. Não exatamente como aqueles que vimos no zoológico e que, na verdade, não eram todos macacos: você se empolgou com a visão daqueles semelhantes exóticos, e correu até a ilha dos babuínos, que são macacos, e então encontrou o orangotango, que já não é macaco, e apontou o fosso dos gorilas, que também não são, até chegar ao incrível viveiro dos chimpanzés, os tais de que tanto gosto. Você chamava meu nome, me queria por perto, e então acelerei os passos para observar os primos a seu lado. Agora você sabe que aqueles a quem chamou de macacos sem rabo não são propriamente macacos, mas grandes primatas. Macacos e primatas são apenas nomes, uma espécie de cargo que damos a tudo o que existe para entender melhor a confusão que o conhecimento trouxe. O homem é como eu disse: também um grande primata, segundo a classificação oficial. Esse título também nos diz respeito.

Muito bem, esse mundo é assim: diferente. Sem os macacos que conhecemos no presente, e sem os grandes primatas sem cauda que encontramos nos zoológicos ou no espelho do banheiro. Imagine, então, um ser parecido com um chimpanzé, mas que já vai deixando de ser, e o

tempo todo abandona traços para trás, como fez com a cauda, e que vai acumulando novas particularidades, mas sem chegar a ser exatamente outro. A evolução não tem lacunas, é contínua, e fica difícil estabelecer rupturas, saber em que momento deixamos de ser isso para ser aquilo, mas imagine um animal parecido com um grande macaco sem rabo, e imagine o mundo como uma floresta, mas uma floresta gigante, porque mesmo uma jaula aumenta de tamanho quando é tudo que conhecemos. Imagine uma floresta bem grande, e cheia de seres como aqueles, ali. Estão atravessando o rio, consegue ver?

Os macacos que não são macacos acabam de cruzar o último braço de rio e inspiram com esforço o ar ainda duro da madrugada. Estão embrenhados no escuro, é possível escutar o som do ar sendo puxado, e os gemidos engolidos de frio, ou de dor, ou de fome, ou tudo junto. Consegue ouvir? Os olhos são aqueles pontos brancos faiscantes no negrume, táteis, penetrando a última faixa de floresta, e apontam para a grande pedra, onde esperamos. De onde estão não passamos de um contorno contra a parte mais clara da escuridão, mas é para cá que caminham, para a fronteira de sucessivas manhãs, um abismo de árvores debruçadas sobre um descampado eterno. E caminham sem descanso, descoordenados e coletivos, envergados sobre as quatro patas, as da frente fechadas como um soco, os nós dos dedos servindo de apoio, do jeito que caminham os macacos que não são macacos.

O primeiro do bando já vem chegando e, agora, acomoda-se voltado para a planície, um campo invisível atrás do breu, mas que está ali, e sabemos disso.

Os estalos no fundo da língua racham a quietude num tipo de saudação, ou sinal de impaciência, talvez um desafio. Os companheiros chegam aos poucos e, distribuindo-se ao redor, formam uma plateia que, em resistência, deixa cair o ritmo da respiração, os gemidos se atenuando até quase calarem, e então aguardam, cúmplices na curiosidade, ou na ansiedade, ou no respeito a algo que, seja o que for, reforça o caráter de grupo.

Não é um grupo grande. Um time de cinco, seis, sete adultos. E o oitavo: um pequeno agarrado aos pelos da barriga da mãe, logo à esquerda do líder, uma cabecinha tímida e camuflada, os olhos perdidos. Durante a travessia, sem compreender nada, o pequeno fez de tudo para ganhar atenção, e mordiscou a mãe com a serra das gengivas, comunicando fome, ou sede, ou frio, ou medo, ou tudo junto, mas logo percebeu que a hora não seria sua. Há dias sua hora não chega. A mãe não tem respostas, é evidente: o olhar se desloca nervoso, o pescoço torcido para os lados, para cima, para trás, e sem encarar o filhote. Hoje bem cedo a mãe acordou, simplesmente acordou, como os outros, e então penetrou o muro de árvores mergulhadas na neblina, e quase perdeu as forças para o rio e o gelo do ar, e, com o máximo de silêncio que foi capaz de produzir, no fim, escalou a grande pedra para esperar. Agora, aparentemente, espera. O filhote, sem opções, fará o mesmo.

A espera não será longa, e parecem saber disso. Os movimentos nervosos surgem replicados em cada um dos integrantes que, inquietos, tentam decifrar sombras diluídas na floresta, uma sugestão de novidade dominando as expressões: algo acontecerá. Ignoram o que seja,

assim penso eu, mas é curioso observar como seguem acompanhando, e é como se pedissem uma história contada e recontada, crianças com olhos abertos a um franco acúmulo de estímulos. Os sons da manhã escapam do interior da selva cada vez menos espaçados. Consegue escutar? Os sons brotam da água do rio, e das folhas, e também do vento metido entre as plantas, escorrem colina abaixo, comprimindo-se, misturando-se aos rastos, cantos, zumbidos, zunidos, e a pequena profusão avança e se agiganta, e forma uma pilha de música diante de nós. Dá para pegar o som com as mãos, imagine só, e o descampado começa a revelar uma forma, como se os ruídos pudessem provocar tal efeito. Dá um pouco de medo, não dá? O resto do mundo acelera em nossa direção, as respirações suspensas todas ao mesmo tempo, e bem rápido, por isso também esqueço de respirar. Uma linha antes inexistente vem estreitando a distância e deixando a planície à mostra, lá longe, mapeada nas primeiras manchas, os primeiros movimentos abstratos, uma película de frio sobre as primeiras cores. Ali, uma faísca ainda pálida. Mais adiante, um rascunho de vermelho. Uma árvore destacada do fundo pouco definido, e outra, e um alaranjado rasteiro de vegetação, e luz, e mais luz. A claridade se espalha em chuviscos, a falta vai dando espaço ao excesso, e, num golpe inesperado, o descampado ganha consistência, e está ali, sólido. A luz continua a chegar, e vem vindo, vindo, vindo, e incha a paisagem, todos os olhos espremidos na proporção da chegada da luz, tela em expansão, o fim do mundo avizinizado, e coisas e mais coisas ressurgindo, ali, e aqui, na distância de um braço estendido. O começo de um

calor emana de não sei onde, e o horizonte já se aprofunda nos tons, o fogueado rubro, o dourado, e tudo passa a existir com tamanha violência, uma violência tamanha, por dentro e por fora. Não sei como descrever. Paralisado, o bando está cheio de movimento: um tremor, um temor, razão que toma cada um, o espanto repentino, um sentido que nasceu e agora cresce, e já vai traçando o céu. Um grito rasgou a planície em duas: eu me assusto. Só mesmo um grito para dar conta. E outro, e outro, e outros tantos. Escutou esse? Os gritos não param de chegar. Também tenho um na garganta, mas engulo, e outros macacos que não são macacos balançam os galhos vizinhos e, com urros graves, em combinações e intensidades desdobradas ao infinito, trocam dialetos milagrosamente inteligíveis, sem perguntas e respostas, apenas manifestações cíclicas cada vez mais breves na duração, e entendo tudo, ou talvez entenda, ou queira entender, e possa. Do contorno da floresta, uma revoada: os pássaros existem. Mais à frente, o desenho ganhou vida: outros seres. As coisas seguem existindo, e uma força ergue o corpo do líder, a fraqueza repuxada nos braços, os membros lançados para o alto, fluidos, verticais, acompanhando a bandeira de aves que tremula o céu, e o céu inteiro vibra no ritmo dos gritos, multiplicados em ecos, emendados uns nos outros, uma trilha arrebatadora que carrega cada inseto, cada vida miúda, e asa, antena, víscera, visco, e essa força que se descola de tudo que é vivo, chocando-se contra a superfície das peles, e cascas, e cheiros, e rochas, o mundo dilatado e em queda livre, existência única e tácita, tudo aqui, tudo agora, contrastante e consonante. Engulo, e isso dói: não grito. E a luz, agora num murro.

E silêncio.

Agora, uma pausa entre os silêncios: mais silêncio.

As explosões diminuem. A paz goteja na floresta. O mundo está mais quente, a energia entornou na planície. As batidas do coração, está escutando? Os barulhos se recolhem num murmúrio homogêneo. No fim de um período que não sou capaz de medir, o sol, arredondando-se, se desprende da fronteira. O calor empurra cor contra os volumes, prende o verde nas árvores, o ocre no chão, e o mundo fica áspero. O azul, o cinza, o amarelo: as cores se apartam. Nuances. Nuvens. Profundidade. Terra. Troncos. Sulcos. E um tanto mais de silêncio, do tipo que pouco se encontrará no futuro. Tente imaginar. É um vazio que apavora tanto quanto os gritos, mas que também pacifica. Dá para sentir as forças opostas puxando e espremendo, e nós no meio. Você também sente?

E o bando segue estático sobre a grande pedra. Os outros bandos já voltaram para dentro da floresta, mas não sei quando. Um tipo de pesar ficou instalado entre os galhos. Algo que não sei se posso definir, mas é como o cansaço que sucede o gozo, algo assim. Olhos lá longe, na vegetação baixa, as árvores largas. Uma nova rodada de espera.

É a mãe que faz o primeiro movimento. Curvou-se sobre o precipício. Grunhe. Os outros a imitam: curvam-se e juntam os olhares na reta do foco da mãe. Uma avalanche de poeira densa se desprende e para lá embaixo, na bainha da grande pedra. O pequeno segura com força na mãe e, de lado, também observa: foi um arbusto que se agitou. De dentro da folhagem sai um macaco.

Que também não é macaco. Outro igual a todos: mesma estatura, mesmo caminhar, mesmo aspecto cansado, ou faminto, ou amedrontado, ou tudo junto. Carrega algo de distinto, e o bando percebe a diferença, ali, misturada às formas, ao movimento dos músculos. O macaco que não é macaco, e que é diferente, se volta para o arbusto de onde saiu. Vai agitar os ramos. Agita. Um segundo macaco, que também não é macaco. De outro canto, o terceiro. São três. Os três, acorados por um tempo, pés plantados na terra, parecem selecionar coisinhas no chão. Sementes, talvez. Levam as sementes à boca. O que surgiu primeiro impulsiona as patas traseiras e arrisca alguns passos. Os outros dois o imitam. Os três ensaiam um afastamento, entre breves paradas e impulsos, a mira na direção do descampado. O líder do bando da pedra solta um guincho curto e os três estranhos titubeiam diante da linha do sol. Devagar, o primeiro deixa a sombra e, sem aviso, dispara até uma das árvores soltas. A decisão demora a tomar forma de ação nos outros dois, que permanecem no quase, no perto, até que, alheios aos gritinhos sutis do bando da pedra, seguem a mesma rota do primeiro. Agora estão os três sob a copa de uma árvore, acolhidos, e ali descansam para, após algum tempo, com todos da pedra tomados pela mudez, retomarem a direção do horizonte, que já vai longe. Os três vão deixando a grande pedra para trás e, vez ou outra, recuam, e medem, e piscam, e vacilam: mas vão. Em pouco tempo serão apenas pontos se movendo num oceano de terra.

Aqui, na pedra, o único ruído vem do pequeno, o lamentozinho abafado e esganiçado. Parece ter se perdido

dos pontinhos cada vez menores e esfrega a barriguinha na mãe. Também sinto fome. Mas nenhum outro movimento ou som será deliberadamente produzido até que aqueles estranhos semelhantes desapareçam completamente.

Já adianto: no próximo inverno, a última faixa verde, a que separa o rio da planície, estará extinta. Alguns invernos depois a floresta descobrirá o leito do rio. O rio amansará, quase seco. A grande pedra, que hoje recebe luz do sol apenas na primeira metade do dia, se transformará em sombra eterna para um arvoredado acanhado, uma planta magra que se enche de frutinhas no verão. Todos do bando da pedra adoram aquelas frutinhas, e também o pequeno, claro, adoraria experimentar. No entanto, nunca provará delas.

Então o mundo mudará de vez: agora o mundo é outro. Para os três estranhos, cada vez menos macacos, o mundo ressurgirá diferente todos os dias. Nunca mais serão vistos por aqui. Caminham, e seguem caminhando, e não, não é um recurso de imagem: aconteceu, estivemos lá, acredite em mim. Os três estranhos gerarão descendentes, isso também é certo, e serão muitos, questão de décadas, ou séculos, ou milênios, e o grande grupo se dividirá em ramos, aos punhados, um pouco para lá, outro tanto para cá, e se espalharão pelo mundo, até tudo se misturar novamente, e então alguém perguntará a si mesmo, com seu potente e bendito apetrecho cinzento, a consciência tinindo de nova, novinha em folha: por que justamente eu, e assim? Mas veja bem: essa é outra história.

(...)

Hoje acordei. É como diz a mãe todo dia de manhã. A mãe levanta, troca de roupa e ajeita o cabelo em frente ao espelho para encontrar a vó na cozinha e dizer: hoje acordei. Diz assim, como se tivesse ganho uma medalha. Na origem, era hábito do vô. Quando a mãe era criança, o vô levantava, e trocava de roupa, e lavava o rosto para encontrar a mulher e os filhos na cozinha e dizer: hoje acordei. A mãe se agarrou à frase e agora usa como afago, todo dia cedo, tentando fixar um mínimo de familiaridade nas coisas. Também me apeguei à frase, mas sem agarrar, e nunca repito assim, como uma medalha. Mas às vezes me vejo querendo dizer.

Então, hoje, acordei: hoje acordei.

Não consegui abrir os olhos. Estou acordado no escuro esticando o tempo suspenso. Sonhei com alguém que julgo ser um pai, mas não sei se era meu pai. Senti a aproximação de um vulto, daquele que parecia ser um pai, e minhas órbitas viraram para dentro num susto. Isso mesmo, um golpe só. Vez ou outra, uma sombra de luz revelava o desenho de um túnel vermelho, a voz do pai reverberada, palavras incompreensíveis, e o som abafado, como se também meus ouvidos estivessem invertidos. Eu espremia os olhos, espremia, e deixava o escuro tomar conta, querendo fugir do vermelho, do mesmo jeito que faço agora. Pode ser que o sonho não tenha se esgotado, que ainda esteja aqui de algum jeito e eu precise conviver um tanto mais com a cavidade sanguínea, uma ideia nada agradável. Por isso continuo a espremer os olhos, e viro o rosto para a parede, escapo da claridade. Quero tudo preto, pelo menos por enquanto.

Apesar do escuro, ouço bem e já consigo me orientar. Sei onde estou, assim, por alto. Os ruídos são os típicos das últimas manhãs: esses pássaros irritantes, um timbre urbano embaralhado, som quente de fuligem, e o mar implícito, um fundo distante de maré. Outros ruídos sugerem que alguém prepara café. Chiado de fogo, água batendo contra o alumínio, porta abrindo, porta fechando, e tampa, e colher. Pode ser apenas minha vontade: quero ouvir o café, desejo criado no costume, herança de ontem e anteontem, necessidade física de algo que me reinicie a jornada. E pode ser que eu tenha dormido além da conta e que alguém, na verdade, esteja cozinhando o almoço. Quem sabe os passarinhos estejam há horas nesse canto renitente. Mas não vou abrir os olhos, não ainda, não quero avaliar a qualidade da luz, se de manhã, se de tarde. Ainda não.

Em que momento passei a desconfiar de tudo? Não saberia dizer com exatidão, mas vem acontecendo há pelo menos um ano. Mais de um ano. Claro, bem mais. Venho acordando sem a impressão de ter despertado, sabe como? Percebo os acontecimentos em processo, câmera lenta, mas sem conseguir pegar com a mão. Então, de repente, tudo acontece, e os eventos ficam assim, assentados, com ares definitivos. As coisas acontecem em ondas irrefreáveis, é isso, uma depois da outra. Tem sido complicado voltar atrás.

Talvez eu não queira voltar atrás.

O cheiro de café entra e finalmente empurra o dia para o campo das certezas. Os passarinhos continuam lá fora. Manhã, sem dúvida. E vou abrir os olhos no